

Eligat presidencial A preocupação com os sem-programa

A possibilidade de termos Luiz Lula da Silva na Presidência da República em janeiro de 1999 não assusta porque ele é de esquerda, já foi um radical com a pretensão de instalar no Brasil um regime socialista e tem como aliados os entulhos, no Brasil, do comunismo stalinista e do fascismo estado-novista. Nestes tempos de economia globalizada, a chegada da esquerda ao governo não representa ameaça à democracia nem ao regime capitalista. Ou seja, a esquerda, se vitoriosa, não será agente da revolução, mas gerente da atual economia com possíveis variações de grau e número, mas não de gênero, em ambiente democrático. Se não fosse assim, seria o caos previsto pelo senador Antônio Carlos Magalhães, cuja primeira vítima seria o governo petista.

Mas, se não há por que temer uma volta ao passado, sobram motivos de preocupação com o futuro. As recentes declarações de Lula e seus principais colaboradores – nas quais dizem que não precisam apresentar propostas de política econômica – colocam alternativa delicada: ou a liderança de esquerda não tem preparo para formalizar um programa que vá além do “contra isso tudo”, ou os interesses no campo das oposições são tão contraditórios que se torna impossível definir um programa. Ou as duas coisas ao mesmo tempo.

Em qualquer caso, pode-se apostar numa péssima gerência caso essa oposição chegue ao governo. É o risco para o futuro. Já há, porém, um risco presente. Em qualquer campanha, há dois tipos de candidatos: os que estão ali para marcar posição ou apenas fazer barulho, e os que têm efetiva possibilidade de vitória.

Até a divulgação das últimas pesquisas, Lula parecia ser apenas o primeiro tipo de candidato. Hoje, está na posição de um competidor efetivo. Nessa situação, é compreensível que se comece a perguntar qual é o seu programa, especialmente a sua política econômica. Qualquer pessoa que se ocupe minimamente da realidade brasileira sabe que o País tem dois graves problemas a administrar, os déficits gêmeos, das contas públicas e das contas externas. Juros altos ou baixos, mais ou menos crescimento, mais ou menos desemprego, tudo depende de como se encaminha a gestão dos déficits. Um candidato à Presidência da República, se não está lá apenas para fazer barulho, deve ter uma proposta para isso, ou seja, precisa apresentar sua política econômica e explicar como pretende resolver esses problemas das contas públicas, a começar pelo do



deficit da Previdência, para ser levado a sério quando fala em crescimento de 6%. Ele certamente sabe que estará eleito com um pé nas costas se conseguir convencer os eleitores de que tem a fórmula para manter a inflação no chão e fazer o País decolar. Se não apresenta essa proposta, é porque não a tem. E, se recusa a discussão sobre isso, é porque desconfia que a frente de esquerda dificilmente chegará a entender-se sobre um programa consistente. Os partidos

de esquerda e as organizações vinculadas estão comprometidos com um amplo elenco de reivindicações que elevam o gasto público. Por exemplo: aumento do salário mínimo (e, pois, das aposentadorias do INSS) e reajuste do funcionalismo. E se opuseram a todas as reformas cujo objetivo é permitir uma redução do gasto público.

Como um governo de esquerda financiaria essa elevação do gasto? Só pode ser com mais impostos. Mas o candidato não pode se comprometer com uma tal proposta, pois isso afastaria os empresários que seduz com acenos de desvalorização do real e protecionismo. São “acenos” e não propostas efetivas, porque aqui também há contradições. Uma des-

valorização do real ajuda as empresas locais na competição com as importações, mas reduz a renda de todos os que recebem em real, como os assalariados.

Também é arriscado propor aumento geral de salários para compensar porque isso é inflacionário. E assim vai. Só pode resultar daí uma proposta que, sendo ampla o suficiente para agradar a todos, perca toda consistência. Uma candidatura forte, sem proposta econômica, é uma preocupação para o futuro e uma fonte de instabilidade desde já. Os investidores estrangeiros estão mais preocupados com a ascensão de Lula do que os brasileiros. E não se trata de preocupação restrita apenas a capi-

As pesquisas preocupam os investidores estrangeiros mais que os brasileiros em geral

tais especulativos, como gostam de denunciar os líderes da frente de esquerda. Além disso, há a preocupação das pessoas comuns, que querem saber o que pode acontecer com seus salários, com suas prestações, com seus compromissos.

No agrupamento das esquerdas já havia os sem-terra e os sem-teto. Chegam agora os “sem-programa”. Não é boa coisa para a campanha eleitoral.